

ÁLVARO
LAPA

Artes Visuais x

LENDO
RESOLVE-SE:
ÁLVARO
LAPA E A
LITERATURA

CURADORIA DE ÓSCAR FARIA

18 JAN – 19 ABR 2020

LENDO RESOLVE-SE: ÁLVARO LAPA E A LITERATURA

A exposição *Lendo Resolve-se*, de Álvaro Lapa (1939–2006), centrada na sua relação com a literatura, está organizada como se de um livro se tratasse. Inicia-se com um prólogo, prossegue através de vários capítulos – correspondentes a tópicos recorrentes na produção do artista – e termina com um epílogo. Ao longo das salas da Culturgest, pretende-se dar conta das relações entre as dimensões plástica e literária deste autor. Trata-se de um percurso no qual existe também a intenção de evidenciar os diferentes recursos usados por Lapa para manifestar a presença da palavra e do texto, em pinturas e desenhos, operações que lhe permitiram realizar uma constante reinvenção destes meios. Se, em muitas séries, é possível verificar semelhanças formais entre os trabalhos, uma forma de os agrupar num todo coerente, há casos em que essa proximidade visual é totalmente demolida. É sobretudo este tipo de situações que se destaca nesta mostra: aqui buscou-se identificar a diferença, o inusitado e a surpresa, tendo sempre presente o facto de estarmos a lidar com um autor complexo, produtor de uma obra com uma forte componente autobiográfica e radicalmente contestatária das normas estéticas, sociais, políticas e culturais.

O título da exposição é retirado da pintura homónima (infelizmente não localizada) da série *Que horas são que horas*, criada entre 1974 e 1975, no pós-revolução de abril, período particularmente fecundo na obra de Álvaro Lapa. Cunhada pelo artista, a frase “Lendo Resolve-se” parece querer dizer-nos que a solução para qualquer problema pode ser alcançada através da leitura. Este é o mote para uma viagem não só através de um conjunto significativo de trabalhos visuais, mas também recorrendo à sua biblioteca pessoal e ainda a algum material documental. Cada sala funciona como um todo, existindo todavia relações entre os vários espaços da galeria, prolongando assim as possibilidades de se encontrar a cada instante ecos de momentos prévios ou apontamentos para descobertas posteriores.

Nascido em Évora, Álvaro Lapa ficou associado a um conjunto de autores seus conterrâneos, como Joaquim Bravo e António Palolo, tendo a sua prática sido igualmente marcada por Virgílio Ferreira, de quem foi aluno no liceu, por António Areal, do qual recebia informações provenientes de outras latitudes, sendo este também a sua principal influência na descoberta da Nova Figuração, e por Charrua, outra das referências nos anos de aprendizagem no domínio

das artes plásticas. Dessa época, Lapa herdou um espírito acentuadamente crítico, o que o aproximou de experiências alternativas ligadas à contracultura. Dessa opção de vida emergiu um corpo de trabalho de uma singularidade invulgar no contexto da arte atual.

Há uma ideia constante de negatividade, atrito e resistência, que atravessa as criações deste autor. Não será exagerado dizer que Álvaro Lapa é por definição um anti-pintor – o uso de esmaltes, como tinta, e de platex, como suporte, ajudam a sustentar esta tese – e um anti-escritor. O seu trabalho segue os exemplos mais radicais da história da literatura. E, ao fazê-lo, informado pela filosofia mais libertária (Steiner, Gary Snyder, Hanshan), criou um corpo de trabalho contra uma ideia de estética mais académica, neorrealista ou mesmo relacionada com as práticas das neo-vanguardas suas contemporâneas. Dessa intenção emerge, portanto, uma anti-estética, sendo porventura um dos momentos mais relevantes dessa prática a série de textos bordados por Abdul Varetti, alter-ego do artista revelado num momento particularmente decisivo do percurso de Lapa, quando este teve a intenção de se retirar da vida mundana, escolhendo habitar num casebre na praia de Porto de Mós, no Algarve, uma opção porventura edificada a partir de leituras quer de textos budistas, quer de livros escritos por nomes da “beat generation”.

Entre os momentos marcantes da exposição, destaca-se a apresentação ao público, pela primeira vez, da biblioteca pessoal de Álvaro Lapa. Os livros agora revelados permitem dar uma ideia do universo no qual o artista se movia, sendo acentuada a sua preferência por autores de culto, muitas vezes classificados como marginais, existindo ainda zonas de interesse relacionadas quer com o budismo (Ch’an, Zen, Tibetano) e o taoísmo, quer com a filosofia ocidental (Kant, Hegel, Kierkegaard, Deleuze, Nietzsche e Adorno). Um grande número de volumes relaciona-se com a série *Cadernos de Escritores* (1976–2005), estudos, desenhos e pinturas em que Lapa homenageia 21 autores para si relevantes – o seu “museu da literatura” –, de Homero a Fernando Pessoa, passando por Burroughs e Beckett, Céline e Joyce. Refira-se ainda que as estantes de Lapa eram preenchidas por textos em português, francês, inglês e espanhol, havendo, para além da poesia e da prosa, um significativo número de obras relacionadas com as artes visuais (Surrealismo, Duchamp, Giacometti, arte bruta, Robert Motherwell, Piero della Francesca, Joseph Cornell, Joaquim Bravo, Ângelo de Sousa, Rui Chafes, etc.).

SALA 1 – PRÓLOGO

O percurso expositivo inicia-se com uma série de obras relacionadas com o crime, com os criminosos e as suas propriedades, com a prisão, tema recorrente no percurso de Álvaro Lapa. *Voici nos acteurs* (1972), lê-se num dos trabalhos incluídos nesta primeira sala. O texto é retirado da versão francesa de *Nova Express*, um livro escrito em 1964 por William Burroughs, uma das maiores influências do eborense. “Eis os nossos actores”. A frase prepara para aquilo que se vai suceder nesta mostra: uma sequência de cenas, com múltiplos personagens – sobretudo escritores, canções, livros, cadernos, conversas, textos e palavras – que saem de cada obra para nos interpelar. Esta pintura é também um “Auto-Auto-Retrato”, um retrato do retrato de si, quase um espelho, ou um outro lado do espelho, como se a obra quisesse virar-se do avesso, trazer o pensamento de dentro para fora, transformando-o assim não numa imagem do autor enquanto conceito, ideia, categoria filosófica, mas numa representação visual dessas mesmas construções mentais. Entramos dentro da cabeça do artista através de ecrãs e vemos o que se passa no seu interior: visões, flashes, sonhos, alucinações. Muitas vezes temos dificuldade em aceder a este universo tão complexo, tão fragmentado, tão cheio de alusões. “Temos trilho, falta-nos o mapa” lê-se noutras obras de Lapa.

Há uma clara identificação de Lapa com William Burroughs. Os seus métodos são idênticos quer na pintura, quer na escrita. O artista português chegou mesmo a construir uma “dreamachine”, objeto tantas vezes usado pelos seus criadores, Brion Gysin e o próprio Burroughs, para expandirem as suas consciências. A exposição pode por isso ser lida também como uma fábula ou fantasmagoria, uma traição ao próprio artista. Aqui somos todos cúmplices de um crime.

Neste prólogo colocam-se em diálogo obras que procuram dar o tom ao restante percurso: *Os criminosos e as suas propriedades*, *Presidiariamente*, *Amnésias*, *Instrução Pessoal*. Entre a prisão e a linha do horizonte, onde se tocam céu e terra, tudo se passa no domínio do esquecimento: “Habitado por muito tempo a aplicar toda a nova experiência ao meu próprio desenvolvimento espiritual, eu esqueci todas as crenças e todos os dogmas”, lê-se em *Instrução Pessoal*. Entre as imagens surgem textos, uns com um carácter mais espiritual, outros onde é evidente um certo humor negro, podendo ainda observar-se uma espécie de banda desenhada onde a conversa é pautada por balões vazios, evocando-se aqui, via Jung, quer

o alquimista alemão Agrippa von Nettesheim, quer Milarepa, o santo tibetano do século XII, um dos duplos de Lapa, uma sombra permanente do artista.



Os criminosos e as suas propriedades, 1984
Coleção da Caixa Geral de Depósitos
Fotografia © Teresa Santos e Pedro Tropa

SALA 2 – BASTILHAS

Esta sala é organizada a partir da série *Quixote na Bastilha*, da qual se apresentam quatro obras de um conjunto de oito. Realizadas no mesmo ano, as obras foram criadas para a exposição homónima (apresentada na SNBA, Lisboa, 1993), um dos modelos para *Lendo Resolve-se*. Cada pintura é muito diferente da outra, o que revela essa vontade de Lapa de contrariar as visões normativas da História da Arte. Há um texto, publicado então no catálogo e também ele fragmentado, que acompanha os trabalhos. Exemplo: “CENA 2: *Francisco de Assis*, 1989 / Esta narração estava a ser feita numa prisão entre piadas sujas pelo D. Quixote. / Era bom dormir.” Uma vez mais a prisão e o sonho. Novamente a fragmentação, a negação do estilo, da assinatura; a vontade de manifestar a diferença no interior de uma sequência narrativa completa. E ainda a insistência na inseparabilidade entre literatura e pintura, duas faces do mesmo desejo de trocar as voltas às expectativas, defraudando-as sempre que possível. Nesta sala evocam-se ainda revoluções: a francesa, política, em *A Tomada da*

Bastilha, a eletrônica, também política, de Burroughs – neste caso sobretudo através da técnica do “cut-up” (corte e cola) usada para criar muitos dos textos associados aos quadros –, e a literária, com referências a Melville – Bartleby, protagonista de uma das suas narrativas, termina os seus dias encarcerado – e também a Kafka. Todos na Bastilha, todos na penitenciária, todos na *Torre do Castelo*. Há um desejo de liberdade proclamado por estas criações: liberdade artística, liberdade política, liberdade poética.

SALA 3 – ABDUL VARETTI

Álvaro Lapa situava este personagem criado por si, autor de um dos corpos mais singulares da obra do artista, no século XIII, numa gruta do litoral siciliano, “rodeado de detritos”.

O tom oracular e aforístico dos textos bordados sobre lona é complementado por um conjunto de manuscritos que enquadram teoricamente o pensamento do personagem ficcional Abdul Varetti, que assina também estes “livros de artista”. Os títulos que figuram nas capas ilustram a dimensão conceptual na qual se move este personagem medieval: “Ir ao Neolítico, e voltar (dissertação autobiográfica, com ilustração e desenhos ilustrativos)” ou “Nota solta sobre o possível ‘valor’ das obras de arte para o futuro”.

Por algumas semelhanças biográficas podemos entender Abdul Varetti como uma reencarnação de Milarepa, o yogi tibetano que morreu no início do século XII (1111 ou 1123), alter-ego que surge sobretudo em pinturas e desenhos de finais dos anos 1960.

SALA 4 – BIBLIOTECA

A biblioteca pessoal de Álvaro Lapa é o coração da exposição, sendo a ela associada, ainda no corredor de acesso, a série *Conversa*, bem como uma zona de leitura e alguns trabalhos com uma componente mais escultórica, como são os casos de *Secretária de Kafka* (1995) e *Estante de Mallarmé* (2005). Neste centro nevrálgico são ainda incluídos um conjunto de obras sobre papel, na sua maioria estudos, pertencentes à Coleção Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, e parte da série *História Trágico-Marítima*, inspirada nos livros de Bernardo Gomes de Brito, escritor setecentista que coligiu em dois volumes os infortúnios dos navegadores portugueses durante os Descobrimientos.

O trânsito entre livro e pintura é ainda particularmente evidente em três livros escritos por Lapa, *Raso como o chão* (Editorial Estampa, 1977), *Barulheira* (& Etc., 1982) e *Sequências Narrativas Completas* (Assírio & Alvim, 1994), nos quais surgem textos associados a obras plásticas, sublinhado novamente a indistinção para este artista entre o visual e o escrito. A sua tarefa foi a de sabotar continuamente ambas as práticas, começando por aplicar essa receita a si próprio, terminando por estendê-la a todas as disciplinas: daí o uso de técnicas próprias da contracultura, como o já referido “cut-up”, a montagem, a colagem, o acaso objetivo, o sonho e o *ready-made* sobretudo ajudado ou retificado.

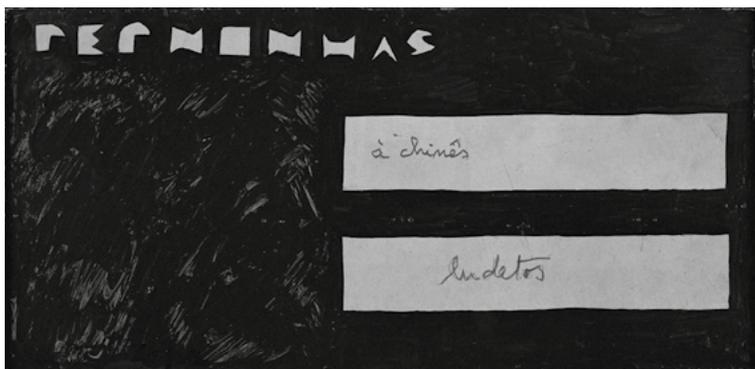


secção da biblioteca pessoal de Álvaro Lapa
© Susana Lourenço Marques

SALA 5 – CADERNOS

Entre 1976 e 2005, Álvaro Lapa concebeu um dos projetos mais singulares da arte portuguesa contemporânea, os denominados *Cadernos de Escritores*. Neste conjunto de pinturas, o artista serve-se como modelo de um jogo surrealista, uma pergunta formulada imaginariamente a um autor: “se fosses um caderno como serias?” O resultado, visualmente muito diverso, materializa ideias por si associadas aos 21 escritores homenageados nesta série, que vão de Homero a Beckett. Esta exposição reúne o maior número de obras desta série apresentadas em conjunto até hoje, a que Lapa se dedicou ao longo de trinta anos.

A série dos Cadernos encerra com aquela que pode ser considerada a obra-testamento de Lapa, na qual é homenageado o escritor simbolista francês Stéphane Mallarmé. Cada momento deste empreendimento obedeceu a diferentes circunstâncias, mas a sua origem coincide com as mudanças relacionadas com o 25 de abril de 1974, nomeadamente o fim da censura. Estes são, portanto, trabalhos acerca da liberdade de expressão, celebrações de autores que viveram muitas vezes nas margens da sociedade, tantos deles proibidos no tempo da ditadura portuguesa.



Caderno de Artaud, 1990
Coleção da Caixa Geral de Depósitos
© Laura Castro Caldas e Paulo Cintra

SALAS 6 – JAMES JOYCE

Às salas dedicadas aos Cadernos, à Biblioteca, a Abdul Varetti, sucede-se um espaço dedicado a obras com ligação a James Joyce, autor que escreveu cada um dos doze capítulos de *Ulisses* com um estilo diferente. Aqui encontram-se instalados trabalhos de duas séries: *Princípio da Caudalidade* e *Campéstico*. Se a primeira faz referência direta a um dos livros do escritor irlandês, *Finnegans Wake*, a segunda surge a partir de um neologismo de Joyce, “dumbestic”, apanhado do mesmo texto. Na sua apropriação, Lapa associa o campo e o doméstico a partir de uma visão sugerida por um conjunto de formas projetadas no teto da sua varanda. Os trabalhos apresentados neste capítulo procuram insistir nessa ideia de diferença formal que o artista foi acentuando em muitas das séries criadas sobretudo a partir dos anos de 1980. Um processo que se complexifica quando um mesmo título serve para designar obras de diferentes períodos, muitas vezes com anos de intervalo entre si.



Campéstico, 1986
Coleção Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, Lisboa
© Laura Castro Caldas / Paulo Cintra

SALA 7 – EPÍLOGO

Nesta última sala sucedem-se referências à condição solitária do artista que, tal como Ulisses, percorre o mundo para, no final, regressar a Ítaca, o seu lar. “Alone” lê-se num trabalho; e num outro “abismo”. Sendo que num terceiro quadro surge inscrita a palavra “túmulo”. Há aqui uma ideia de abandono, de fim, de morte. Neste epílogo procura-se também dar a passagem para o exterior, encontrar a saída do labirinto, portanto. Regressamos ao início da exposição, se possível. Às obras em que Milarepa medita diante das falésias. Sente-se agora a fragilidade da natureza humana diante do horizonte. Percebe-se agora como o mar atravessa toda a exposição, pois é ali que o céu se une com a terra. E esse é também o lugar de todos os naufrágios. Melville, Lowry, Pessoa, Homero, Snyder, Kerouac, Gombrowicz, etc. – todos emprestaram a sua voz ao clamor das vagas, à visão de um certo instante de calma marítima, à minuciosa descrição do pélogo iluminado pelo luar. Nos trabalhos com o título *O barco está de regresso a casa* pode perceber-se a referência à *Odisseia*. Contudo, este veículo é igualmente o da barca da morte, que nos leva para o outro lado do rio. Vivemos entre sonhos e rumores. Entre imagens e textos. Não há nada, pois, como seguir o conselho de Lapa, escritor sem livro, pintor sem pintura, artista de uma singularidade invulgar: “Lendo Resolve-se. É que é mesmo.”

Cadernos de Escritores (Writers' Notebooks) are a series of works produced by Álvaro Lapa between 1976 and 2005, a year before his death. It has as its starting point the imaginary question to a writer: "if you were a notebook how would you be?" *Lendo Resolve-se* (Reading Solves) is based on this body of works and underlines the cross-references that the artist promoted between painting and literature, in an attempt to decode his enigmatic practice, marked by the constant idea of friction. It is also a way of stressing the idiosyncrasy of one of the most relevant projects of twentieth-century Portuguese art, paying tribute to major authors – Homer, Pessoa, Kafka, William Burroughs or Beckett –, produced by Lapa over 30 years.

The exhibition makes references to earlier works or creations related with the 21 names to which the artist pays homage in the hypothetical writers' notebooks. Also, Lapa's personal library is presented for the first time. The catalogue includes information and images that have never been published and will be a fundamental tool for the study of his oeuvre.

CURADOR
Óscar Faria

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO
Mário Valente

PRODUÇÃO
Sílvia Gomes
Fernando Teixeira

MONTAGEM
Joana Batel
Michael Bennett
Miguel Domingues
Inês Ferreira
João Nora
Xavier Ovídeo
Pedro Palma

AGRADECIMENTOS

Violeta Lapa
Hugo Lapa
Sofia Lapa
Raul Lapa
Frederico Lapa
Vítor Branco
Suzana Arnaut Pombeiro

Fundação Calouste Gulbenkian
– Coleção Moderna e Biblioteca
de Arte e Arquivos
Fundação EDP
Fundação Luso-Americana
para o Desenvolvimento
Fundação de Serralves –
Museu de Arte Contemporânea
Fundação Ilídio Pinho
Museo Extremeño e Iberoamericano
de Arte Contemporáneo – MEIAC
Banco BPI
ENATUR – Pousada de
Sta. Maria do Bouro
Coleção da Caixa Geral de Depósitos

António Amorim
Bruno de Almeida
Marília e Francisco Botelho Moniz
João Castel-Branco Pereira
Isabel Castro Fernandes e
António Oliveira
Célia Cardoso Gonçalves
Amaro Freire
António e Pedro Futuro
Ivo Martins
Maria de Belém Sampaio
Fernando Santos
Paulo Pimenta
Vítor Pinto da Fonseca
Luís Sáragga Leal
Isabel Soares
Gonçalo Velez
Emílio Rui Vilar
e todos aqueles que, desejando
preservar o anonimato, cederam
obras que permitiram realizar
esta exposição

Susana Lourenço Marques
Miguel von Hafe Pérez
Marlene Dias
Inês Gouveia

Próximas exposições

A EXPOSIÇÃO INVISÍVEL

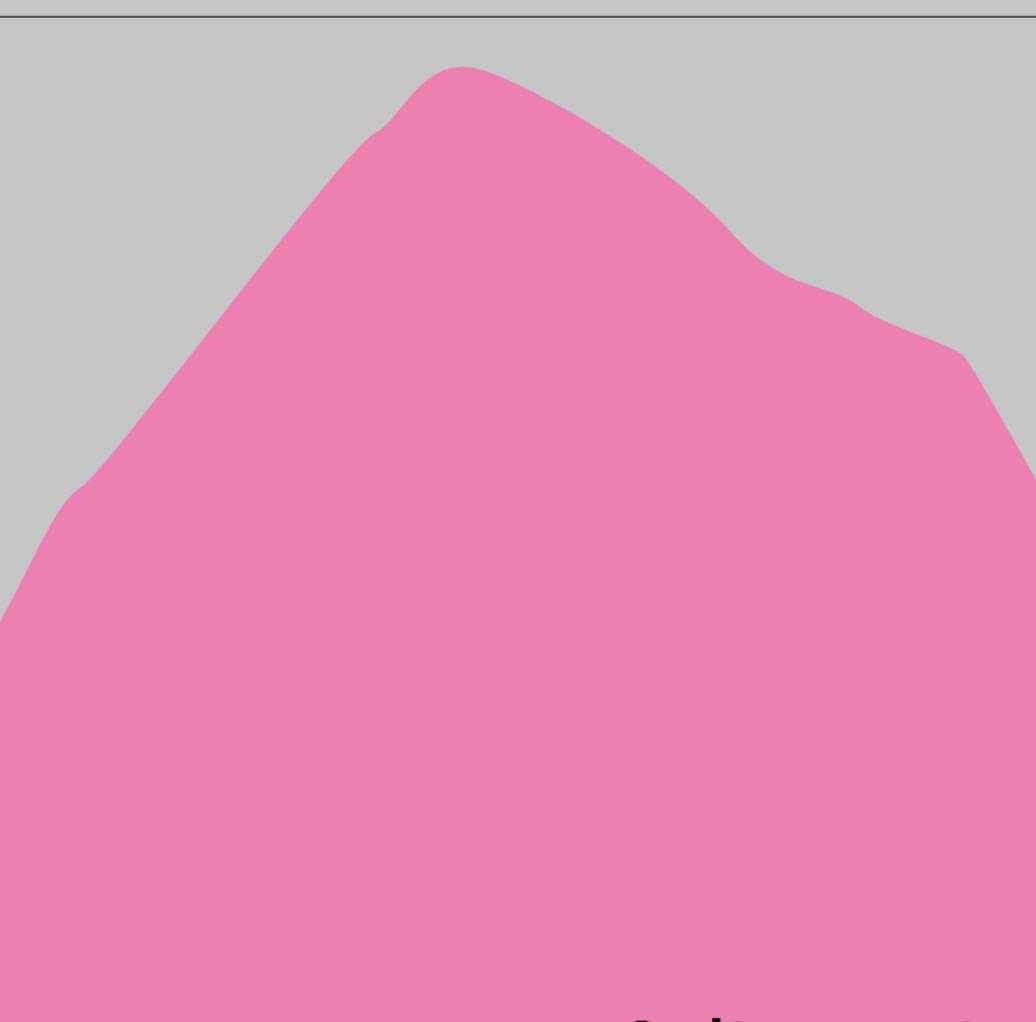
Artes Visuais x

4 ABR – 19 JUL 2020
Galerias

GABRIELA ALBERGARIA

Artes Visuais x

16 MAI – 6 SET 2020
Galerias



Culturgest